

Trecho da entrevista concedida para o livro **Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais –Memória Histórica**. Belo Horizonte, SINDIMEC-FIEMG, 2007. Pereira, Lígia Maria & Faria, Maria Auxiliadora de.

DOMINGOS DE PAULA CORTEZZI, filho do fundador da Mecânica Fresadora Dôgo Ltda, criada em 1938 em Belo Horizonte.

Meu pai, Domingos Cortezzi, era filho de italianos que vieram para o Brasil, numa época em que muitos deles eram praticamente analfabetos. Meu avô chegou a Minas Gerais no início do século XX e foi trabalhar na Usina Wigg. Aliás, meu pai foi registrado no cartório de Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, porque a Usina ficava naquelas imediações. Minha avó materna era brasileira. Foi professora de muitos italianos que chegavam ao Brasil, e, mais tarde, conheceu e se casou com meu pai. Em 1909, a família de meu avô voltou para a Itália, mas acabaram retornando ao Brasil e foram morar em Mariana. Meu pai contava que, quando menino, entrava na Mina da Passagem (em Passagem de Mariana) para levar almoço para seu padrasto. Minha avó, que havia se casado com 13 ou 14 anos, teve dois filhos, meu pai e meu tio Gentil. Ficou viúva muito cedo, aos 18 anos. Casou-se novamente com um brasileiro e meu pai foi praticamente criado pelo padrasto. Com este brasileiro ela teve mais 8 filhos. Com família tão grande, não havia como dar boas condições de vida. Tanto que meu pai sendo o mais velho, teve que lutar muito para ajudar a sustentar os irmãos por parte de mãe.

Meu pai veio para Belo Horizonte com 14 anos e foi trabalhar na Magnavacca. O pessoal da fundição percebeu que ele tinha jeito e a primeira fresa que chegou a Belo Horizonte foi ele quem conseguiu operá-la. Com 14 anos, tinha salário maior que funcionários antigos e isso gerava muito ciúme. Algum tempo depois, foi trabalhar na fábrica de Cervejas Antártica. Para os costumes da época, ele se casou velho, tinha, na época, 33 anos. Não pôde se casar antes porque tinha que sustentar os irmãos. Teve 5 filhos, 3 mulheres e 2 homens. Minha mãe morreu muito cedo. Depois de quase 20 anos, meu pai se casou novamente, mas não teve outros filhos. Em 1938, fundou a empresa que era chamada de oficina, na avenida Olegário Maciel. Dez anos depois, transferiu-se para a rua Ouro Preto, nº 76, no Barro Preto. Naquela época, essa parte da

indústria mecânica fazia tudo o que aparecia. Meu pai fez até uma das cruzeiras da Igreja da Boa Viagem. O material usado era o ferro. Em todas as oficinas tinha que ter uma forja, para esquentar o material e trabalhá-lo. Além da forja, papai tinha também o torno, porque as fresas começavam a aparecer e eram muito caras. Em geral, os equipamentos eram todos importados da Inglaterra e, às vezes, da Alemanha. Lembro-me que, certa vez, ele fez, por encomenda, todos os instrumentos de um consultório dentário. Além disso, fazia manutenções. Trabalhou muito para o Gardini, que fazia os famosos fogões Gardini.

Apesar de ter aprendido alguma coisa na oficina dos Magnavacca, meu pai foi, na verdade, um autodidata, tanto que, sem ter estudado, vi muitas vezes o engenheiro dono do Cotonifício José Augusto vir na nossa empresa lhe pedir orientações. Não sei onde meu pai buscava tanto conhecimento para fazer as coisas que fazia. Talvez em livros, mas creio que buscava principalmente na intuição e na tradição oral. Por exemplo: hoje a temperatura é medida por aparelhos 200, 300, 500 graus. Ele fazia isso pela cor do vermelho. Depois, vi em livros antigos que o tom do vermelho, de fato, indica a temperatura. Hoje, tem análises químicas de material, mas, na época, dele tinha o fagulhista, uma profissão que acabou. A pessoa pegava o material, ia ao esmeril e quando saía a fagulha afirmava: “este material é tal”. De certa forma, é a mesma diferença entre os médicos de antigamente que examinavam os pacientes e davam o diagnóstico. Hoje, o diagnóstico só é dado depois dos exames.

Meu pai não tinha empregados. O que ele tinha era aprendizes. As mães traziam os filhos adolescentes e pediam a meu pai para lhes ensinar o ofício. Ele foi um verdadeiro formador de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Aliás, esta é uma característica da indústria mecânica. Todos ensinavam o ofício. Eu mesmo tenho ensinado muita gente na Dôgo. Lembro-me de um caso muito especial de um rapaz da cidade de Passa Quatro, sobrinho do médico que atendia minha mãe. O rapaz veio do interior, aprendeu o ofício e se tornou um excelente profissional. Quando papai mudou a oficina para a rua Ouro Preto, associou-se por uns dois anos a Elpídio Lima Rosa, que tinha uma empresa de sacos de papel e começou a fabricar máquina de tipografia que, aliás, tinha o nome de Roscolite, em alusão a Rosa e Cortezzi. Depois, voltou a fazer os trabalhos de antes: manutenção de máquinas, fabricação de peças, etc. Em 1956, ele comprou uma fábrica de macacos para carros em Betim. A fábrica era muito arcaica, mas, mesmo assim, vendíamos para o Brasil inteiro. Naquela época, a indústria automobilística estava

começando e os macacos do tipo sanfona faziam grande sucesso. Mas, em 1961, tomou uma decisão: vendeu todas as máquinas para, com o dinheiro recebido, levar minha mãe aos Estados Unidos para um tratamento de saúde. Ele não agüentava mais vê-la entrevada. Era, de fato, uma situação muito triste e que já durava anos. Minha mãe era tão bonita, tão culta, presa a uma cama sem poder se mover. Infelizmente, quando ele estava preparando a viagem, ela faleceu.

Meu pai gostava de fazer engrenagens. Foi o pioneiro de engrenagens em Belo Horizonte. Em 1961, ano em que minha mãe morreu, ele fez uma máquina que guardo até hoje com muito orgulho. Ele a fez à noite no galpão, a partir de uma fotografia que tinha visto. Geralmente, fazia o modelo de madeira para depois mandar fundir. Além de ler muito, ele tinha memória privilegiada. E mais, tinha bons relacionamentos com figuras de proa da política e da sociedade, inclusive com Juscelino Kubitschek, mas nunca se sentiu atraído para a política.